



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 16/08/2024 e 22/08/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
16/08/2024	9,38	303,40	39,95	5,30	3,70
19/08/2024	9,56	311,70	40,47	5,28	3,78
20/08/2024	9,57	312,30	40,71	5,33	3,75
21/08/2024	9,63	312,50	41,00	5,19	3,75
22/08/2024	9,41	306,40	40,44	5,11	3,71
Média	9,51	309,26	40,51	5,24	3,74

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	114,00	
RS – Não Me Toque	113,50	
RS – Londrina	115,00	
PR – M.C.Rondon	115,00	
MT – C.N.Parecis	113,00	
MS – Maracaju	120,00	
GO - Rio Verde	116,00	
BA – L.E.Magalhães	110,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	49,00	
PR – Londrina	49,00	
MT – C.N.Parecis	39,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	55,00	
SP – Campinas	60,00	CIF
GO – Rio Verde	47,00	
GO – Jataí	47,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 21/08/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 22/08/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,00	114,86	68,81

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
22/08/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	114,06
Feijão (saco 60 Kg)	294,29
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,50
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,67**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,00

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado para a soja, em Chicago, voltou a trabalhar em baixa ao atingir, no fechamento desta quinta-feira (22), o valor de US\$ 9,41/bushel, após bater na mínima dos últimos tempos ao atingir US\$ 9,38/bushel no dia 16/08. Lembrando que o fechamento de uma semana atrás foi de US\$ 9,51/bushel.

Dito isso, o USDA manteve em 68% das lavouras estadunidenses de soja entre boas a excelentes, na data do 18/08. No ano passado, este índice era de 59%. Por sua vez, outros 24% das lavouras atuais estavam regulares naquela data e 8% em condições entre ruins a muito ruins. Além disso, 95% das lavouras encontram-se em fase de floração e 81% em fase de formação de vagens.

Destaca-se, ainda, que na semana encerrada em 15/08 os EUA exportaram 221.700 toneladas de soja da safra velha, elevando o total exportado no ano comercial atual a 45,9 milhões de toneladas, contra mais de 53 milhões no mesmo período do ano anterior. Espera-se, para o corrente ano, uma exportação total de 46,3 milhões de toneladas, ou seja, bem abaixo do realizado no ano anterior. Já em relação a safra nova, que ainda será colhida, foram vendidas 1,34 milhão de toneladas na mesma semana, volume que superou as expectativas do mercado. Neste caso, a China foi o principal comprador.

Por outro lado, enquanto a nova safra se desenvolve muito bem nos EUA, a comercialização da mesma está atrasada naquele país, assim como no Brasil. A baixa das cotações vem segurando estas vendas. Até o momento, 40% da nova safra estadunidense teria sido vendida, enquanto o ideal para o período seria um volume superior a 50%. O problema que, nos atuais preços de Chicago, há produtores nos EUA, em algumas regiões, que já estão com prejuízos que chegam a US\$ 2,00/bushel (ao câmbio de hoje, isso equivale a R\$ 24,43/saco). (cf. Brandalitze Consulting)

No Brasil, o quadro não é muito diferente, porém, a vantagem é que a desvalorização do Real oferece alguma sustentação aos preços em reais da soja, estimulando um pouco as vendas antecipadas de soja. Mesmo assim, o Brasil negociou, até o momento, 17% da futura safra prevista, “quando seria normal - e até necessário - que perto de 30% e um pouco mais já estivessem comprometidos”. (cf. Brandalitze Consulting)

Neste momento, no Brasil, considerando custo total da lavoura, as margens dos produtores já estão apertadas e, em alguns casos, indicando prejuízos. Os prêmios positivos e um dólar valendo 10% mais do que deveria, vem ajudando a não piorar o quadro, porém, isso pode se reverter rapidamente, especialmente no que diz respeito ao câmbio. Pelo sim ou pelo não, os preços atuais estão desestimulando o produtor brasileiro a vender, fato que oferece espaço aos EUA conquistarem mercados. Mesmo assim, os operadores julgam difícil que os estadunidenses atinjam o volume de 50 milhões de exportação de soja em 2024/25. Entre setembro e fevereiro os EUA teriam que vender mais de 28 milhões de toneladas, meta de difícil alcance no momento. (cf. Agrinvest Commodities) O fato é que a soja dos EUA está mais barata atualmente, levando a China a comprar mais do país norte-americano.

Vale ainda destacar que, nesta semana, “os preços da soja brasileira, da safra nova, ficaram entre R\$ 121,00 e R\$ 123,00/saco, base porto de Paranaguá, para os meses de março, abril, e maio do próximo ano, se mostrando quase R\$ 20,00 mais baixos do que os melhores momentos que foram registrados há algumas semanas, quando os indicativos chegaram a alcançar até R\$ 140,00/saco.” (cf. Brandalizze Consulting) Lembrando que, para o final do ano, há ainda o fator eleições presidenciais nos EUA, cujo o resultado pode alterar os rumos deste mercado.

Em tal contexto, e com um câmbio que trabalhou entre R\$ 5,45 e R\$ 5,55, os preços no Brasil melhoraram levemente. Enquanto a média gaúcha recuou para R\$ 114,86/saco, as principais praças locais se fixaram em valores entre R\$ 113,50 e R\$ 114,00. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 120,00/saco.

Dito isso, análises privadas, levando em conta as médias dos últimos três anos em termos de esmagamento interno de soja, a partir de dados da Abiove, indicam que o Brasil teria esmagado, até o final de julho, um total de 31,7 milhões de toneladas, sendo este o segundo maior volume para os primeiros sete meses o ano desde 2017. Em exportação, o Brasil já vendeu, no mesmo período, um total de 75,4 milhões de toneladas. Para alcançar o número final anual de 92,4 milhões, será preciso exportar, ainda, 17 milhões de toneladas no restante de 2024. Considerando tais números, chega-se a conclusão de que em 1º de agosto o país tinha ainda 44,4 milhões de toneladas de soja disponíveis. Considerando que as esmagadoras de soja, no mesmo período, já teriam comprado 40,2 milhões de toneladas da oleaginosa, tem-se que as mesmas ainda possuem 8,5 milhões a serem esmagadas. Considerando que no restante do ano outras 20,9 milhões de toneladas devem ser processadas, o setor ainda precisa 12,4 milhões para fechar a conta no final do ano. Considerando um estoque final ao redor de 3,1 milhões de toneladas no país ao final de 2024, espera-se que haja certo aumento da demanda interna por soja nos próximos meses, fato que tenderá a pressionar um pouco para cima os preços locais. Essa elevação, mesmo que pequena, nos preços pode “tornar mais atraente para os agricultores a venda de soja para esmagamento interno do que para a exportação, sem esquecer que, se o mercado ficar muito caro, as esmagadoras podem decidir fazer sua manutenção anual durante o segundo semestre do ano para ajustar a planta e para evitar esmagar soja cara”. (cf. Hedgepoint Global Markets)

Enquanto isso, a exportação de soja brasileira aumentou nesta última semana, atingindo a um volume médio diário de 360.000 toneladas, se aproximando dos resultados obtidos em agosto de 2023, que foram de 364.650 toneladas diárias. Assim, até a terceira semana de agosto, inclusive, o país exportou 4,3 milhões de toneladas de soja, contra um total de 8,4 milhões em todo o mês de agosto do ano passado. (cf. Secex)

Lembrando que nos primeiros sete meses do ano a China importou 43,6 milhões de toneladas de soja brasileira. Isso significa 12% acima do realizado no mesmo período do ano passado. Já as compras chinesas de soja dos EUA, no mesmo período, somaram 12,6 milhões de toneladas, revelando um recuo de 25% em relação ao ano anterior.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, se mantiveram relativamente estáveis durante esta terceira semana de agosto. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (22) em US\$ 3,71, contra US\$ 3,75 na semana anterior.

Até o dia 18/08 as lavouras estadunidenses de milho se apresentavam com 67% entre boas a excelentes, contra 58% no mesmo momento do ano anterior. Outros 22% estavam regulares e 11% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, as exportações de milho da safra velha estadunidense atingiram a 120.500 toneladas na semana encerrada em 15/08, ficando bem aquém do esperado pelo mercado. Com isso, as vendas totais, no atual ano comercial, chegam a 55,8 milhões de toneladas, contra pouco mais de 40 milhões em igual período do ano anterior. Já em relação a safra nova 2024/25, a ser colhida a partir de setembro, as vendas somaram 800.500 toneladas, ficando no limite superior das expectativas do mercado.

Dito isso, tem-se que as importações chinesas de milho recuaram 11,5% entre janeiro e julho do corrente ano, ficando ao redor de 12 milhões de toneladas. (cf. Administração Geral de Alfândega da China)

E na Argentina, a área total a ser plantada com milho, em 2024/25, deverá ficar em 6,3 milhões de toneladas ou 17,1% abaixo do realizado no ano anterior. Dois fatores são inibidores do plantio: o clima e a cigarrinha. Este último elemento fez com que o vizinho país perdesse, no ano anterior, ao redor de 10 milhões de toneladas, trazendo a produção total final para 46,5 milhões de toneladas. (cf. Bolsa de Cereais de Buenos Aires)

Já no Brasil, os preços do milho se mantiveram com leve viés de alta. A média gaúcha atingiu a R\$ 58,00/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram em R\$ 55,00. Por sua vez, nas demais regiões brasileiras os preços do cereal oscilaram entre R\$ 39,00 e R\$ 59,00/saco.

Dito isso, a Secex informou, durante a semana, que nos primeiros 12 dias úteis de agosto o país embarcou 3,2 milhões de toneladas de milho, perfazendo uma média diária de 268.668 toneladas, o que representa 34,4% abaixo da média de todo o mês de agosto do ano passado. O total exportado em agosto/23 foi de 9,4 milhões de toneladas. Lembrando que para todo o ano a Conab espera vendas de somente 36 milhões de toneladas, enquanto o USDA fala em 49 milhões e a iniciativa privada brasileira espera algo entre 42 e 45 milhões de toneladas exportadas. Ora, até a terceira semana de agosto o país exportou um total de 11,9 milhões de toneladas, fato que indica uma tendência de se confirmar o número da Conab.

Mesmo assim, diante da menor safrinha colhida, há expectativas de que os preços internos do milho comecem uma reação mais consistente a partir da virada para o mês de setembro. Lembrando que a safrinha está praticamente toda colhida, faltando poucas áreas no país.

Enfim, em novo cálculo, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) aponta que, na produção de milho safrinha do Mato Grosso, o Custo Operacional Efetivo (COE) ficou em R\$ 4.584,29 por hectare em julho, com queda de 0,11% em relação a junho/24. Sendo assim, o Ponto de Equilíbrio (PE), levando-se em conta uma produtividade de 113,04 sacos por hectare, o produtor modal terá que negociar o seu cereal a, pelo menos, R\$ 40,20/saco, na safra 2024/25, para cobrir suas despesas com o COE. Este preço é 3,8% maior do que o comercializado ao longo de julho de 2024, que ficou em R\$ 38,73/saco. Assim, o Ponto de Equilíbrio, ao produtor de milho daquele Estado, continua superior ao da safra 2023/24. Isso, sem considerar o custo fixo, o qual eleva o custo total e, por óbvio, o Ponto de Equilíbrio final.

MERCADO DO TRIGO

Após ensaiar uma leve recuperação, o primeiro mês cotado para o trigo, em Chicago, voltou a recuar no final da presente semana, com o fechamento da quinta-feira (22) atingindo o nível mais baixo em praticamente quatro anos, ou seja, US\$ 5,11/bushel, contra US\$ 5,28 uma semana antes.

Nos EUA, no dia 18/08, a colheita do trigo de inverno atingia a 96% da área, contra 95% na média histórica. Já o trigo de primavera estava colhido em 31% da área, contra 36% na média histórica. Das lavouras que faltavam colher, deste trigo, 73% estavam entre boas a excelentes condições, 22% estavam regulares e 5% entre ruins a muito ruins.

Pelo lado comprador, um dos maiores importadores mundiais de trigo, o Egito, ainda busca adquirir 3,8 milhões de toneladas do cereal até o final deste ano. Enquanto isso, a Ucrânia, através do seu Ministério da Agricultura, estuda limitar suas exportações do cereal para 2024/25 (julho-junho) a 16,2 milhões de toneladas. Isso se deve ao fato de que a colheita do país ficou em 21,8 milhões de toneladas.

Por outro lado, o mercado espera que a China diminua o ritmo de importações de trigo, no segundo semestre do corrente ano, diante do aumento de sua produção e a redução no consumo local de farinha. “A China fez compras recordes de trigo nos últimos anos e espera-se que uma redução nas importações exerça pressão adicional sobre os preços globais, que estão sendo negociados perto do seu nível mais baixo em quatro anos, em meio à oferta abundante.” (cf. Reuters)

A produção de trigo na China, colhida principalmente em junho, aumentou 2,7% em relação ao ano anterior, atingindo o recorde de 138,2 milhões de toneladas, com condições climáticas quase perfeitas, o que aumentou a qualidade do produto. O país asiático, que é o maior importador de trigo do mundo nos últimos dois anos, importou 10,08 milhões de toneladas entre janeiro e julho, com um aumento de 15,6% em relação ao ano anterior, de acordo com dados alfandegários locais. Essas importações, alimentadas por temores de danos às safras relacionados ao clima, superam a cota de importação de trigo alocada pelo governo local, que é de 9,6 milhões de toneladas para 2024, fato que leva os volumes adicionais a sofrerem uma tarifa de importação de 65%.

E na Alemanha, a safra de trigo de inverno recuará 15%, ficando em 18 milhões de toneladas, devido ao clima ruim. Como já vimos em outros comentários, isso igualmente atinge a França e outros países europeus.

E no Brasil os preços do produto de qualidade superior se estabilizaram, com a média gaúcha ficando em R\$ 68,81/saco, enquanto no Paraná o produto está em R\$ 76,00.

Diante de um quadro de baixa produção deste tipo de trigo, além de exportações ocorridas, o mercado avança nas importações diante da iminência de estoques finais bastante baixos no país. Preocupa, igualmente, o fato de a safra do Paraná estar sofrendo com as intempéries, especialmente as últimas geadas. Assim, nos sete primeiros meses do ano, as importações brasileiras passam de quatro milhões de toneladas, contra 4,2 milhões em todo o ano de 2023. Em 12 meses, chegaram aos portos nacionais 5,7 milhões de toneladas de trigo, sendo o maior volume acumulado a cada 12 meses desde dezembro/22. (cf. Cepea/Esalq a partir de dados da Secex)

Soma-se a isso a forte redução de área semeada na atual safra nacional, a qual teria chegado a 12,4%. A produção final, agora, está projetada para 8,4 milhões de toneladas nesta nova safra, cuja colheita começa no Paraná. Aliás, neste estado, segundo o Deral, as lavouras em condições ruins a muito ruins já estão em 19% neste momento, enquanto em Santa Catarina também houve perdas com as últimas geadas. Já no Rio Grande do Sul, por enquanto, as lavouras se apresentam satisfatórias, pois o plantio se deu tardiamente neste ano, o que permitiu as mesmas escaparem das geadas ocorridas até agora.